

# MATRIARCA DO DESCONHECIDO: REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA DA PERSONAGEM FUNESTA

## MATRIARCH OF THE UNKNOWN: THEMATIC REPRESENTATION OF THE CHARACTER FUNESTA

Brenda de Souza Silva<sup>a</sup>  
Fabio Assis Pinho<sup>b</sup>

### RESUMO

**Objetivo:** Aborda a representação temática da informação e o feminino, e busca investigar a representação da personagem Funesta do livro *A Rainha do Ignoto*, escrita por Emília Freitas, a partir da dinâmica terminológica dos mapas conceituais, em paralelo com a perspectiva social da mulher. Nesse sentido, objetiva investigar as relações simbólicas da Funesta, sua terminologia conceitual, o feminino e sua relação com a representação da mulher na sociedade. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa exploratória e documental, com a aplicação da análise conceitual de Lancaster (2004) e o percurso de Rodrigues e Cervantes (2014) para a criação dos mapas conceituais, onde os termos estão estruturados e contextualizados. **Resultados:** As análises elucidam o valor e a herança cultural contida na terminologia da personagem e a representação social da mulher, perpassando questões de gênero e ética da informação subjacente aos termos e ao campo de Organização do Conhecimento (OC). **Conclusões:** A partir dos mapas conceituais, compreendemos que a representação temática da personagem se relaciona profundamente com a representação feminina na sociedade, destacamos o teor interseccional da OC, a busca iminente por representações contextualizadas e que a historiografia literária evidencia a participação feminina na memória literária nacional.

**Descritores:** Estudos de Gênero. Funesta. Representação Temática da Informação. Mapas Conceituais.

### 1 INTRODUÇÃO

O século XIX marcou um momento de mudanças para o Brasil, em especial para os escritores que começavam a criar uma tradição literária nacional

---

<sup>a</sup> Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Pernambuco, Brasil. E-mail: brendamnato@gmail.com

<sup>b</sup> Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Marília, Brasil. E-mail: fabio.assis@ufpe.br

com o surgimento dos primeiros cânones genuinamente brasileiros. Obras originais de autores pertencentes à pátria, ao invés de percepções exteriores providas da classe artística estrangeira ou autores nacionais com traços estilísticos europeus, houve uma busca em desenvolver trabalhos que representassem os aspectos socioculturais, traços mestiços da população e recuperar a identidade nacional que dialogasse com os cidadãos.

Esse movimento ganhou robustez devido à dialética da estética literária romântica e realista. Tabak (2011) explica que o romantismo contemplava os sentimentos, as tragédias e a subjetividade, criou uma concepção de nação idealizada. Do outro lado, Gumbrecht (2018) reflete que o realismo, estética posterior ao romantismo, é resultado de uma necessidade histórica de encontrar a brasilidade, por isso, usa o teor crítico e sarcástico para questionar os valores da monarquia portuguesa, manifestando o descontentamento com uma sociedade em ruínas e que não retrata a identidade brasileira. Machado de Assis com os livros *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) e *Dom Casmurro* (1899) é o grande expoente dessa corrente. Assim, podemos compreender que ambos os movimentos estão em contraposição, o que faz total sentido dentro da historiografia literária, já que essas estéticas existem como uma extensão artística do momento histórico. A construção social e a memória literária brasileira se formam dentro dessa mecânica.

Com essa perspectiva, Emília Freitas, escritora cearense, publica em 1899 sua obra *A Rainha do Ignoto*, um marco para literatura nacional. O livro se destaca pelo conjunto de gêneros literários e traços estilísticos diferentes usados para desenvolver a trama. Cavalcante (2008) defende que a obra deve ser compreendida como a primeira literatura fantástica brasileira com aspectos utópicos, românticos e realista; além disso, Silva (2020) discorre que o livro também pode ser considerado o primeiro romance nacional de ficção científica escrito por uma mulher. Convém ressaltar que Emília Freitas é a primeira escritora cearense a publicar um livro sem usar pseudônimo, prática comum à época visto que as autoras precisavam usar desse recurso para terem suas obras veiculadas graças à exclusão feminina da tradição literária nacional.

Mesmo com a historiografia literária que ambienta a publicação da *Rainha*

do Ignoto e o pioneirismo da obra, Emília e seus trabalhos não possuem um lugar de destaque entre os cânones ou na memória literária nacional como um todo, ela sofreu com um esquecimento sistemático. Em seus trabalhos, na tentativa de reaver obras literárias de autoria feminina, Duarte (2009) nos explica que esse apagamento é decorrente do sistema patriarcal que inicialmente dificultou a educação e a profissionalização das brasileiras, assim, aquelas que almejaram ser escritoras tiveram problemas com sua formação escolar. As que conseguiram acesso à educação foram impedidas de veicular seus trabalhos usando seus nomes, por isso os pseudônimos masculinos entram em voga. As poucas autoras que ultrapassaram essa barreira, – dentre elas, a própria Emília Freitas – foram tratadas com condescendência pela crítica literária formada majoritariamente por homens, pois a “alta literatura” (Schmidt, 2012) desprezava a escrita feminina.

Essa concepção acabou criando uma realidade em que obras literárias de autoria feminina fossem esquecidas e relegadas ao apagamento, para Todorov (2000) esses processos são danosos, pois criam uma falsa ideia de realidade. Cremos que mulheres não participaram ativamente no firmamento da literatura brasileira; ou não contribuíram com perspectivas diferentes, explorando gêneros pouco comuns; tiramos o protagonismo de autoras que foram relevantes. Assim, esses abusos da memória criam regimes de representação deturpados. Dentro desse métier, discorreremos sobre comunidades inferiorizadas, no caso, as mulheres.

Nesse sentido, os processos de organização e de representação não são apenas técnicas descontextualizadas, por isso chamamos atenção para os aspectos temáticos do campo de Organização Conhecimento (OC). Para Milani e Guimarães (2011), perceber a área somente pelos enfoques técnicos já não é suficiente, essa questão foi ultrapassada, portanto, os processos de organização do conhecimento são inerentes às representações sociais, não existe neutralidade. Essa perspectiva da Ciência da Informação (CI) dialoga com a literatura, na qual os livros são instrumentos de memória e, por sua vez, também são instrumentos de representação que sofrem com forças socioculturais, por isso também não são neutros, existe uma intencionalidade proposital.

Obras literárias carregam linguagem própria, conectam leitores e auxiliam nos processos de trocas informacionais, ao olharmos sobre a ótica da representação temática, compreendemos que Emília Freitas, dada as devidas proporções, cria uma metalinguagem, usa de símbolos linguísticos e gramaticais para desenvolver uma terminologia singular para a personagem Funesta, o que condiz com o abordado por Cintra, Tálamo, Lara e Kobashi (1994) ao tratar dos instrumentos de representação mencionando, assim como a autora, que essas ferramentas firmam ligações simbólicas por meio de terminologias que são refinadas a partir do uso. Dessa forma, há pretensão na escolha desses termos.

Ao tratarmos da representação feminina, falamos de uma comunidade marginalizada, uma vez que as discussões sobre os aspectos sociais que envolvem a representação temática das mulheres nem sempre têm destaque no campo da Organização Conhecimento (OC). O impacto dessa negligência pode reforçar estereótipos, inferiorizando mulheres em comparação aos homens, além de auxiliar no processo de apagamento dos domínios femininos (Sousa; Tolentino, 2017).

A partir dessa problemática do estudo, caracterizado como um recorte da dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, vinculada a Universidade Federal de Pernambuco, tem-se a seguinte questão de pesquisa: existe uma relação entre a representação temática da personagem Funesta com a representação feminina na modernidade? Com isso, o objetivo da pesquisa é investigar a relação entre a representação temática da personagem Funesta com a representação feminina na modernidade. Dessa forma, justifica-se essa pesquisa pela natureza singular e representativa da obra de Emília Freitas como um dos romances pioneiros do gênero fantástico no Brasil, tornando-se pertinente realizar a construção de um mapa conceitual que contemple uma obra isolada desse gênero no período. Propõe-se a produzir uma terminologia da personagem, estruturada em mapas conceituais a partir dos termos retirados do livro e devidamente relacionados entre si. Por isso, o enfoque do estudo está na construção do mapa conceitual e nos desdobramentos dessa construção na análise da obra literária e na representação social de uma época. A seguir exploramos os caminhos

metodológicos percorridos durante a elaboração do estudo.

## 2 PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa procura aproximar os campos da Literatura e da OC, debruçando-se nos estudos de representação temática, bem como em seus instrumentos e veiculação. Assim, busca explorar uma forma de representação não tradicional, distanciando-se da perspectiva técnica para que os aspectos sociais e a herança cultural dos termos possam ser discutidos. Com isso, evidencia as mulheres como domínio, os múltiplos olhares dessa comunidade temática por meio da obra literária *A Rainha do Ignoto* (Freitas, 2020). Dessa forma, esta pesquisa tem como objeto de estudo a personagem Funesta, amparado pelas discussões referentes à representação feminina, aos estudos de gênero e à historiografia literária.

Desse modo, a natureza da pesquisa é exploratória, a investigação ocorre pela pesquisa documental. Com isso estabelecido, desenvolvemos o aporte teórico seguindo os passos apontados por Gil (2017), sendo esses: seleção, leitura, fichamentos e a redação da pesquisa. Logo, justificamos os métodos embutidos no estudo, cujas análises e resultados foram descritos e expostos em mapas conceituais.

No concernente aos estudos de gêneros e representação temática, explanamos o abordado por Olson (2002) e Milani (2010); relacionamos essa perspectiva com a de Duarte (2009) e Schmidt (2012) que discorrem sobre o feminismo e a literatura, defendendo que autoria feminina é um ato político, em especial aquelas publicações dos séculos XVIII e XIX, quando a escassez de escritoras era exorbitante. Ainda sobre a temática, decidimos explorar a natureza selvagem feminina utilizando Estés (2018), pois, devido a forma como Funesta é desenvolvida, ela pode ser compreendida dentro do arquétipo da mulher selvagem, cuja liberdade está ligada diretamente a suas contrerrâneas e ao coletivismo, corroborando assim com as reflexões feitas ao tratar da liberdade feminina dentro da metáfora dos contos folclóricos e da personificação do lobo.

Usamos a etapa de análise conceitual proposta por Lancaster (2004) para se obter um conjunto de termos. Para Lancaster (2004), a análise conceitual é

uma etapa na indexação de assuntos, implicando na decisão do que se trata um documento e representando-o por meio de termos. Desse modo, arquitetamos a esquematização dos termos e os sentidos embutidos neles. Para isso, listamos as etapas da coleta:

- 1) Leitura do livro;
- 2) Captação dos termos;
- 3) Estruturação dos termos.

No mais, usamos a técnica de laminação no qual o assunto composto imbricado na dinâmica narrativa do livro é transformado em um assunto isolado, assim conseguimos identificar do que se tratam os termos e os possíveis sentidos. A laminação foi proposta por Ranganathan (1967) e constitui-se de camadas de assuntos básicos e ideias isoladas no âmbito das categorias PMEST. Essa etapa ocorreu por meio de mapas conceituais, por conta da capacidade da ferramenta em auxiliar a representação temática, esquematizando visualmente os assuntos, conceitos e termos.

A análise conceitual e a técnica de laminação aplicadas à própria obra permitiram que os termos identificados da própria obra fossem amparados pela garantia literária (Barité, 2018).

Por isso, seguimos os seis passos apresentados por Rodrigues e Cervantes (2014) para a criação de mapas conceituais, a saber:

- 1) Identificar o tema ou a pergunta de enfoque que se vai representar;
- 2) Verificar os conceitos;
- 3) Ordenar os conceitos por meio de lista;
- 4) Agrupar e arranjar os conceitos que são demonstrados a partir de palavras ou símbolos (no topo) e inserir exemplos característicos atrelados aos conceitos (na base);
- 5) Estabelecer os links ou proposições, ou seja, as conexões dos conceitos por meio de linhas e as nomeações por meio de palavra ou pequena frase;
- 6) Rever a estrutura do mapa conceitual e refazê-lo, se necessário.

Essa estruturação nos permitiu criar os elos entre a terminologia conceitual da personagem, explorando os sentidos que permeiam a obra e

conectando com a representação feminina, tanto no campo da Literatura quanto no referente à representação temática. Usamos o dicionário Aurélio *online* para auxiliar nas definições e traduções dos termos. Ademais, a contextualização da obra literária com a visão moderna da mulher foi estabelecida por meio das pesquisadoras Cavalcante (2008) e Estés (2018), perpassando o arquétipo feminino presente nos contos folclóricos e lúdicos, ajudando a estreitar a linguagem usada no livro com os símbolos cristãos, a mitologia grega, os regionalismos cearenses, os caminhos percorridos por Funesta e a perspectiva da mulher selvagem refletida na sociedade atual, visto que o lado indômito feminino está relacionado à luta pela liberdade e independência. Por fim, depois dessas relações simbólicas serem exploradas e analisadas, os resultados foram apresentados.

### **3 ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO: AS NUANCES DO FEMININO**

Para Dahlberg (2006), a OC é uma ciência em ascensão voltada para a esquematização de conceitos e isso ocorre através da identificação de características singulares que cada objeto informacional possui, levando em consideração as perspectivas históricas, o juízo de valor e a herança cultural que constitui os objetos informacionais e do que eles tratam, no que se refere ao tratamento temático.

É nessa ótica que Milani e Guimarães (2011) questionam os aspectos técnicos da área, em especial a neutralidade dos instrumentos de representação e a ética dos profissionais da informação durante os processos de organização e representação, tendo em vista que esses indivíduos possuem construções sociais singulares e o processo de representação é essencialmente intelectual, que por sua vez sofrem com forças sociais e valores intrínsecos que ditam como se dão essas atividades.

Por conseguinte, é necessário que o sujeito seja levado em consideração para adentrarmos nas discussões sobre o tratamento temático e as representações sociais. Dessa forma, Martins e Côrtes (2019, p. 160) discorrem que “o ser social se correlaciona com um ambiente natural, mas também com

formações culturais, sociais e políticas do contexto histórico em que vive.” Logo, chamamos atenção para o ambiente que o indivíduo está inserido, é através da socialização que sua realidade é construída e isso interfere nas perspectivas que um sujeito possui. Assim, pessoas com formações diferentes compreendem a realidade de maneira diferente, criando múltiplas interpretações e significados.

Outro ponto que merece destaque é o fato de que a linguagem também não é neutra, ela sofre com forças sociais, transformações históricas e possui herança cultural. Milani (2010, p. 75) reflete que “por esse motivo, a linguagem documental necessita de uma dinâmica que a adeque ao momento histórico-social, mas em alguns casos, os preconceitos estão implícitos na própria linguagem natural e isso não será facilmente modificado”. Salientamos esse fato pois é a linguagem que possibilita as representações simbólicas, a esquematização de conceitos e, por sua vez, o tratamento temático; ela também é o fio condutor que permite que a realidade seja expressada entre os sujeitos, sendo uma ferramenta essencial para a comunicação.

Dessa forma, as discussões em volta da OC podem ser expandidas, assim, a representação simbólica e o tratamento temático devem ser olhados pela perspectiva dos fenômenos sociais, com isso a área se dedica também às representações sociais. Para Martins e Côrtes (2019, p. 161) “a representação social possui função constitutiva da realidade, produz, direciona comportamentos, interpretações e a comunicação entre os sujeitos.” A interação e as relações interpessoais constroem os quadros sociais de um grupo, os olhares são perpassados pelos indivíduos pertencentes ao grupo em questão e pela sociedade, daí as múltiplas interpretações nascem, um exemplo dessa dinâmica seriam as comunidades marginalizadas e historicamente violentadas, como por exemplo as mulheres.

Compreendemos que existe uma dinâmica de poder entre obras de autores masculinos e femininos, enquanto um possui espaço na sociedade e é canonizado o outro é esquecido, dessa forma, criamos um senso de realidade literária sem participações assertivas de mulheres, mas isso não é condizente. Sobre a construção da realidade, Olson (2002) discorre sobre a relação do ato de nomear e a estruturação do real.



Nomear é o ato de dar um nome, de rotular, de criar uma identidade. É um meio de estruturar a realidade. Ela impõe um padrão ao mundo que é significativo para quem o nomeia. Cada um de nós nomeia a realidade de acordo com nossa própria visão do mundo baseada em significados passados em nossa própria experiência. Cada um de nós cria nossa própria estrutura por meio da nomeação. A nomeação não é, portanto, um processo aleatório, embora varie para cada sujeito (Olson, 2002, p. 4).

Aqui, percebemos que o ato de nomear, definir e interpretar são acontecimentos rotineiros que perpassam os fenômenos sociais. São pilares fundamentais para a OC, seus produtos e instrumentos, mas também estão presentes na organização social do conhecimento, por isso nos questionamos: quais os possíveis malefícios que uma representação deturpada ou enviesada pode causar?

São passíveis inúmeros danos, contudo, exploramos como a má representação cria problemas de hierarquização e posteriormente o esquecimento, seja do conhecimento ou de grupos sociais. Acerca da hierarquização Sousa e Tolentino (2017) esclarecem que os instrumentos documentários são responsáveis por ordenar elementos culturais por relevância, com isso normalizamos o que tem importância para sociedade e o que não tem, hierarquizando aspectos socioculturais como bons ou ruins, ajudando no engessamento de perspectivas. Apoiando-se nessa lógica, as obras literárias, a maneira como personagens femininas são representadas e as escolhas que levam livros a serem galgados ao patamar de cânones são elementos de hierarquização que criam a memória literária nacional.

Nessa perspectiva, as experiências femininas mais realistas exploradas pelas autoras da época e que buscam abranger as possibilidades de vivências genuínas, diversas e críveis da mulher oitocentista são negligenciadas. Como resultado, normalizamos através dos cânones uma realidade unilateral contata por homens. Ademais, chamamos atenção para a representação social explorada por Martins e Côrtes (2019) e como esse contexto influencia os quadros sociais e a construção da realidade feminina, priorizando a perspectiva masculina e o *male gaze*. Uma representação enviesada pelo olhar masculino, sem retratações ou espaços para questionamentos, perpétua padrões femininos patriarcais.

Na teoria feminista, Mulvey (2017) discorre sobre o olhar masculino na criação de personagens femininas em obras audiovisuais, a autora chama de *male gaze* a criação imagética da mulher como objeto de uso e prazer, transformando-a num produto que deve ser admirado por homens. É dessa forma que o lugar social da mulher é constituído por meio de obras de disseminação em massa, Olson (2002, p. 2, tradução nossa) pondera que “os dois aspectos fundamentais do ato de nomear estão presentes no reflexo dos valores sociais e a falta de neutralidade nesse processo”. Existe uma intencionalidade na objetificação feminina, é uma dinâmica de poder. Para Mulvey (2017) essa é uma extensão dos valores de uma sociedade patriarcal, heteronormativa e branca que constantemente encara a mulher como submissa e a coloca nesse espaço, num ciclo contínuo de machismo reforçado culturalmente.

E como o *male gaze* reitera o machismo nas obras literárias? Através das definições e representações, por meio das personagens femininas, o olhar masculino dita o que é belo, aquilo que deve ser admirado ou não, quais as qualidades e o que a sociedade espera de uma mulher, a construção da feminilidade, da maternidade e do matrimônio. Sendo assim, obras literárias também servem como estruturas de representação, de compartilhamento de realidades e vivências. Com isso, produzimos obras literárias com personagens femininas majoritariamente criadas por homens que potencializam estereótipos ao passo que a autoria feminina e personagens subversivas são invisibilizadas, inferiorizadas e, por vezes, bestializadas, como é o caso da Rainha do Ignoto, a personagem Funesta e o arquétipo da mulher selvagem desenvolvido por Estés (2018).

Com essa exclusão, quem concebe significado para o universo feminino são os homens, assim, a mulher possui significado, mas não o produz por si só, ela é representada pelo olhar masculino, mas não pela perspectiva que tem de si mesma. O *male gaze* permite que as identidades femininas sejam impostas pelos homens, pois eles são os responsáveis por estruturar a realidade por meio das obras de consumo em massa. Aqui, retornamos às reflexões de Olson (2002) sobre como as representações perpetuam a realidade e se apenas os

homens têm acesso a isso, a perspectiva de sociedade, família, relações afetivas vão continuar colocando mulheres numa posição inferior.

No tocante às nuances do feminino e à busca por representações realistas, Estés (2018) desenvolve o arquétipo da mulher selvagem em decorrência dos contos folclóricos e da natureza instintiva feminina. Esse arquétipo busca discorrer sobre representações femininas reais, ou seja, mulheres criando sua própria narrativa literária, no campo literário, a personificação da mulher selvagem é um lobo, e é a partir dessa transmutação que a pesquisadora discorre sobre liberdade, independência e os perigos que a busca por narrativas assertivas pode trazer.

A autora Emília Freitas e Funesta podem ser compreendidas como representantes desse arquétipo. Ressaltamos como a mulher selvagem é antagônica ao *male gaze*, enquanto o olhar masculino busca criar uma representação feminina idealizada para suprir fetiches e fantasias, normalizar a submissão da mulher. Estés (2018) reflete que a escrita feminina é intrinsecamente questionadora, por isso caem no estereótipo de mulheres rebeldes com má reputação, entretanto, é por meio da autoria feminina e da criação de personagens críveis que identidades sociais mais diversas são exploradas.

A busca por averiguar identidades sociais femininas mais diversas corrobora com as investigações de Milani (2010), a pesquisadora endossa que a organização social do conhecimento auxilia na construção de identidades e representações de grupos sociais, ela reflete que a estruturação dos ambientes informacionais condiciona e integra mulheres na sociedade. Entretanto, Milani (2010) aponta para algumas problemáticas que a representação descontextualizada pode causar às identidades femininas, sendo essas: a irregularidade da representação temática, o destaque para a vida familiar e relações afetivas. Logo, compreendemos que essas categorizações reforçam as dinâmicas de poder e hierarquização, colocando a mulher numa posição passiva enquanto o homem permanece num local de superioridade.

Portanto, os apontamentos de Milani (2010) se entrelaçam com a dialética presente do *male gaze* e no arquétipo da mulher selvagem, já que Mulvey (2017)

discorre sobre como o olhar masculino cria representações deturpadas que evidenciam o machismo, mas é amplamente disseminado na sociedade. Em contrapartida, as personagens femininas que fazem parte do arquétipo da mulher selvagem buscam explorar identidades e construir representações femininas contextualizadas sofrem com um apagamento sistemático.

#### 4 A RAINHA DO IGNOTO

A Rainha do Ignoto - um *romance psicológico* é uma obra literária caracterizada como um romance realista, publicada em 1899 e escrita por Emília Freitas. No âmbito nacional é considerado o primeiro romance do gênero fantástico e a primeira ficção científica escrita por uma mulher, possui traços utópicos e góticos (Silva, 2020). Conta, em seu enredo, a história de uma moça encantada que vive no imaginário da população local, ora mito, ora verdade; essa moça, conhecida por Funesta é vista como um demônio que traz maus presságios.

Em suas análises sobre a vida e obra da autora, Cavalcante (2008) reflete que Emília Freitas por ser abolicionista, republicana e espírita, usa essas óticas para conduzir sua narrativa, assim, cria uma obra subversiva que apresenta o constante empenho de Funesta, personagem principal, pela liberdade feminina. Além disso, coloca em evidência os regionalismos cearenses e alegorias espirituais nordestinas, essa originalidade permitiu desenvolver aspectos do gênero fantástico genuinamente brasileiro.

Nesse período, acontece um direcionamento para a potência literária na ignorância humana, Schøllhammer (2012, p. 130) explica que “a arte e a literatura colocavam em evidência a brecha entre o real e sua representação”. Com isso, as complexidades da sociedade e seus sujeitos são expostos, traduzindo para as obras uma representação real, retratando as relações sociais falhas, suas ambiguidades e o efeito de viver num mundo em decadência. Dentro das vertentes desse movimento destaca-se o “Realismo psicológico” apontado por Schøllhammer (2012) como uma faceta fragmentada e anárquica em que a escrita é marcada pela subversão dos costumes e dos valores sociais, ocorrendo por meio das relações afetivas e emocionais dos personagens.

No concernente ao gênero literário, A Rainha do Ignoto é uma amálgama, uma combinação de características que perpassam a literatura utópica, a fantástica, a gótica e a ficção científica, transitando entre a estética romântica e a realista. No romance, aspectos de todas essas escolas literárias se misturam e criam um ambiente próprio, elevando o feito de Emília Freitas, encabeçando seu livro num métier diferente e opondo-se à previsibilidade dos valores sociais da época.

Ainda que A Rainha do Ignoto (1899) não seja a primeira obra de ficção científica brasileira, pois se tem datado o livro de Augusto Emílio Zaluar - *Doutor Benignus* (1875), Silva (2020) defende que Emília Freitas criou uma obra superior em termos de estrutura e narrativa. Por isso, é possível considerar A Rainha do Ignoto como o primeiro livro de ficção científica de autoria feminina e com estilísticas feministas.

Pelo menos três pontos podem ser apontados neste sentido: 1) O uso de teorias científicas e doutrinas vigentes na virada do século XIX para o XX na Europa e no Brasil; 2) A utilização das convenções da literatura de utopias; e 3) A presença de elementos da literatura de mundos perdidos (Silva, 2020, p. 22).

As características de ficção científica da obra são desenvolvidas usando o Espiritismo, é a partir desse credo religioso que o hipnotismo, a transmutação e a invisibilidade são introduzidas na trama. Esses poderes são dominados por Funesta, usados para proteger a entrada da Ilha do Nevoeiro, nome da comunidade liderada por ela. Assim como auxiliam em suas viagens pelo Brasil, é por meio desses poderes que ela consegue adentrar nos vilarejos, acessar as mulheres em situações violentas e se conectar com elas.

No momento que essas mulheres decidem segui-la e se tornam suas paladinas, os poderes da Rainha também podem ser usufruídos por suas conterrâneas, unidas contra o patriarcado. É interessante pois o feminismo aparece aqui como uma maneira de empoderamento, entretanto, é apenas quando divididos com todas as mulheres comprometidas por lutar pela liberdade uma das outras que o propósito de Funesta é atingido, portanto, em seu livro, Emília Freitas defende o coletivismo como mote essencial para o combate ao patriarcado.

Com relação aos traços utópicos, Quinhones (2015) corrobora com Silva

(2020), o livro também pode ser visto sob a ótica desse gênero, já que possui como particularidade a criação de mitos impraticáveis no mundo real para tecer críticas sociais, nesse sentido, a obra apresenta traços idealizados sobre as vivências femininas na sociedade, defendendo que o teor crítico acontecia no imaginário lúdico.

Saliente-se, inicialmente, o fato de não apenas ser uma obra de autoria feminina, como também de desenvolver uma espécie de defesa dos direitos e do bem-estar da mulher – além de declarar, a partir de determinado ponto da narrativa, a superioridade feminina –, elementos pouco comuns na literatura brasileira do século XIX (Oliveira, 2014, p. 141).

Aqui, os traços utópicos estão no coletivismo presente no Reino do Ignoto, na maneira como Funesta percebe a realidade, libertando mulheres de amarras patriarcais, de compreensões e dinâmicas sociais ultrapassadas, mas que nem sempre eram percebidas dessa forma. Por fim, institucionaliza-se uma comunidade cuja líder é a Rainha, e é erguida por ideais políticos, filosóficos e de governo com o intuito de melhorar a vida das mulheres, ou seja, uma sociedade puramente feminina.

Ademais, Quinhones (2015, p. 75) elucida que “Emília Freitas cria uma obra abolicionista e republicana. Para isso ela dedica vários capítulos que narram à situação dos escravos. Na Ilha do Nevoeiro eles são abrigados e libertados recebendo condições dignas para sua subsistência.” Sendo assim, é possível perceber como as movimentações sociais de oposição à monarquia e à escravatura também aparecem na narrativa, essa característica crítica é comum a estética literária do Realismo, escola literária da qual o livro faz parte.

À vista disso, Quinhones (2015, p. 76) defende como o “anseio por liberdade profissional, política, física, e, principalmente, por liberdade psicológica” é evocado constantemente. Convém ressaltar que “liberdade psicológica” faz alusão ao subtítulo “romance psicológico”. Na obra esse subtítulo remete a uma dualidade, e além de rememorar a vertente do Realismo apresentada por Schøllhammer (2012), serve como introdução aos sinistros que estão prestes a acontecer em Passagens das Pedras e com seus moradores, ao mesmo tempo que se refere à liberdade emocional tão desejada por Funesta.

Em termos gerais, a obra e a autora sofreram com um processo de

esquecimento subsidiado em parte pelos aspectos tratados no livro, já que não era comum esse tipo de literatura nem os pontos abordados. Para Cavalcante (2008), o fato de a obra ter sido publicada fora do eixo editorial do Rio de Janeiro também foi um ponto relevante, aqui fica implícita a xenofobia e a estereotipação da literatura nordestina pela obra não fazer parte do lugar-comum esperado: retratar a vida do sertanejo, a seca e o cangaço. Entretanto, seria reducionista apontar somente essas questões, sem explicar sobre as dificuldades enfrentadas por escritoras no concernente aos aspectos machistas e opressores que inviabilizaram a publicação de suas obras.

## **5 ANÁLISE E MAPAS CONCEITUAIS**

Nesta seção discorreremos a respeito dos percursos envolvendo a análise e representação dos termos que fazem referência à personagem Funesta, objeto intrínseco deste estudo, assim como a obra *A Rainha do Ignoto*. Para tal, os termos estão apresentados em mapas conceituais e contextualizados.

Ao todo, o livro possui setenta capítulos e é ambientado em dois núcleos, sendo esses: *Passagem das Pedras* e o *Reino do Ignoto*. Fisicamente, o *Reino do Ignoto* fica na Gruta do Areré, entretanto, ele é maleável devido às missões feitas por Funesta e suas paladinas. O segundo núcleo do enredo se localiza nas cidades de Fortaleza, Recife, Manaus e demais capitais brasileiras. Além disso, Emília Freitas constrói a trama a partir do narrador-personagem, apresentando o enredo através de Edmundo, de seus múltiplos olhares, e das relações que estabelece; é por meio dele que os demais personagens são instituídos no enredo.

A autora trata a personagem por diversas nomenclaturas, destacamos os termos Funesta e Rainha do Ignoto com o intuito de sistematizar a análise, dada a complexidade da obra literária. Assim, por Funesta entende-se que estamos referenciando a personagem compreendida pelos moradores de *Passagem das Pedras*; já Rainha do Ignoto faz alusão ao *Reino do Ignoto* e às paladinas. Portanto, durante o processo de análise, nos mapas que remetem ao núcleo de *Passagem das Pedras* usamos Funesta para tratar da personagem; nos referentes ao *Reino do Ignoto*, utilizamos Rainha do Ignoto.

Ao esquematizar os mapas conceituais, recorreremos à cor azul para dar destaque nos termos selecionados, ainda, foram associados no mesmo mapa àqueles retirados de longas sentenças ou que se relacionam de forma lógico semântica, impossibilitando a separação sem a perda de contexto. Com isso estabelecido, os mapas conceituais estão evidenciados ao longo da seção, em conjunto com suas interpretações, conforme subseções a seguir.

## 5.1 ANÁLISE DO MAPA CONCEITUAL 01

A primeira percepção que Edmundo tem de Funesta é ambígua. Baseado na assimilação do folclore local, o forasteiro não consegue formar uma opinião própria, entretanto, ele também é instigado pelo mistério e, com isso, os elementos narrativos introduzem as dualidades da personagem. Aqui evidenciamos o termo *Bruxarias*.

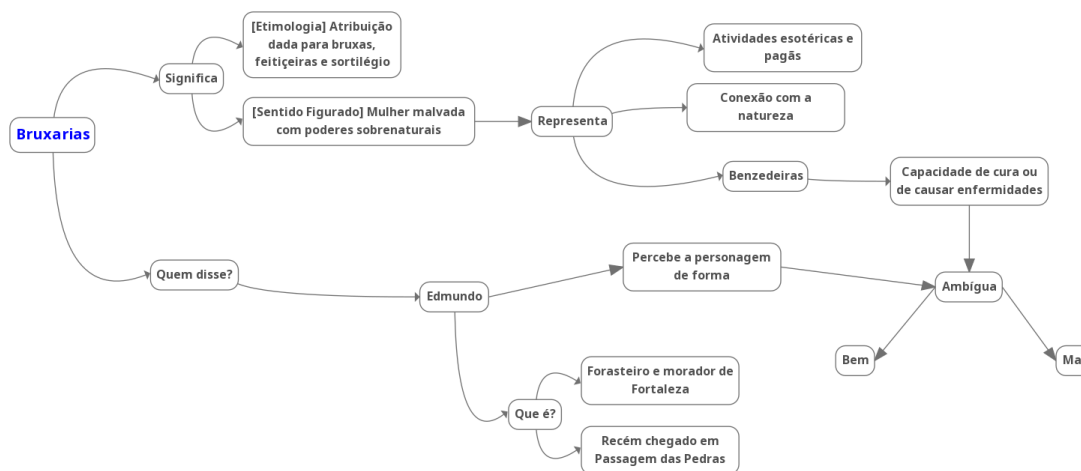
O termo em destaque se relaciona ao paganismo, práticas religiosas ligadas à natureza, na perspectiva cristã também pode ser atrelada ao ocultismo e à feitiçaria. Na obra, *Bruxarias* é usado por Edmundo para vincular Funesta ao maligno, essa percepção é totalmente influenciada pelos moradores do vilarejo, em especial, os prestadores de serviços. Com isso, percebemos que as dinâmicas de poder entre esses personagens não são exclusivas dos homens e das mulheres na trama, mas também perpassam a burguesia da capital e o proletariado camponês pobre, por vezes mestiço ou ex-escravizado. A exemplo, os personagens Valentim e tia Úrsula, tratador de cavalos e ex-escravizada que trabalha como cozinheira, ambas são atividades de serventia. A relação entre a cidade interiorana e a capital também se estende à percepção de Funesta: os moradores de Passagem das Pedras são mais suscetíveis às feitiçarias por não terem acesso à educação e por preservarem hábitos culturais regionais e assim serem percebidos como inferiores, enquanto Edmundo é um jovem rico da capital, formado, visto como superior aos demais.

Outro ponto importante na análise do termo *Bruxarias* é o aspecto regional. Passagem das Pedras é um vilarejo no interior do Ceará, por isso as práticas relacionadas à natureza estão fortemente conectadas às Benzedeadas,



atividade de medicina popular que envolve reza, rituais de cura por meio de ervas e chás. Novamente, Emília Freitas conecta a natureza e o feminino, Funesta é percebida como uma bruxa com poderes sobrenaturais do mesmo modo que é uma curandeira benevolente. Essas características estão intrínsecas, as dualidades servem para contextualizar a personagem, o que retoma a mulher selvagem de Estés (2018), mas também agrega para as discussões de Duarte (2009) e Schmidt (2012) sobre personagens femininas unilaterais, criadas meramente como acompanhantes em jornadas masculinas, assim as autoras levantam um ponto relevante para nossa análise: personagens femininas complexas são consideradas difíceis, possuem má reputação. Funesta é rotulada dessa forma e a autora usa de ambiguidades e relações de poder para tecer suas críticas à sociedade da época, seja nas relações de trabalho, de gênero ou de classe social.

**Figura 1 – Mapa conceitual do termo *Bruxarias***



**Fonte:** Dados da pesquisa (2024).

## 5.2 ANÁLISE DO MAPA CONCEITUAL 02

A terminologia *Funesta* é usada pela primeira vez quando os moradores do vilarejo estão explicando o folclore local para Edmundo. Para eles essa entidade sobrenatural é representada por uma mulher, os problemas que o vilarejo enfrenta são resultantes do desvio de caráter e do descontrole da personagem.

Para os personagens desse núcleo, existem dinâmicas sociais estabelecidas para mulheres e se alguma delas foge dessas dinâmicas, não é plausível outra explicação além do lúdico para a existência de uma mulher subversiva. Essa percepção conversa diretamente com o explanado por Milani (2010) quando a pesquisadora explica que a organização social do conhecimento atrelado às mulheres endossa representações e identidades subservientes, dessa forma, destacando a vida familiar e as relações afetivas. Por Funesta se distanciar dessas representações e identidades, sua existência não é compreendida, só é justificável no campo da imaginação pelo lúdico.

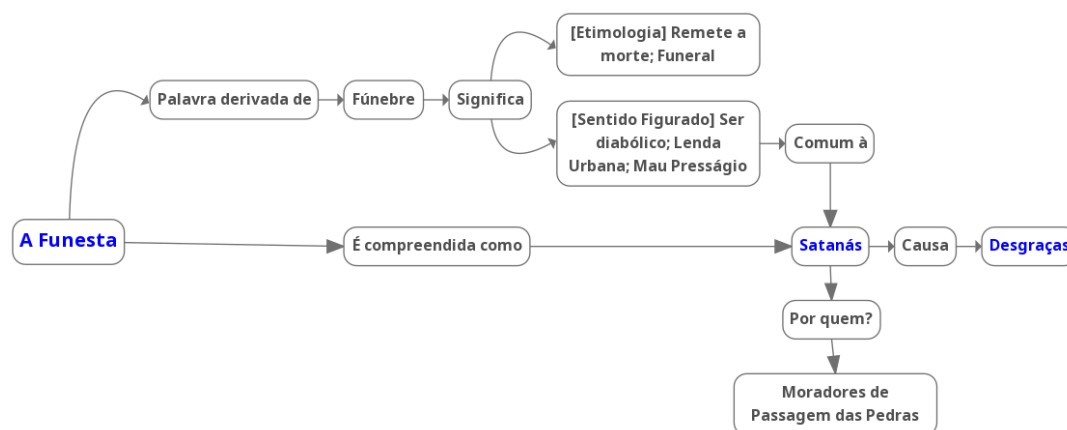
Notamos que é estratégico por parte da autora afastar Funesta da subserviência, da representação dos papéis femininos esperados pela sociedade; percebemos as camadas que a personagem possui, sendo capaz de tomar decisões sem centralizar os homens da trama, questionar as dinâmicas engessadas perpetuadas pelos moradores de Passagem das Pedras, estruturar um sistema de sociedade focada no coletivismo feminino e assim se deslocar do patriarcado. Ainda, ampliando as nuances da feminilidade, demonstrando insatisfação, raiva e indignação pelas injustiças cometidas, a autora contextualiza Funesta: ela não é passiva e tampouco é direcionada à maternidade compulsória e ao matrimônio. Por isso, o arquétipo da mulher selvagem desenvolvido por Estés (2018) conversa intimamente com Funesta, devido à sua representação complexa e real.

Com relação aos termos, o nome da personagem é uma derivação de fúnebre, remetendo à morte; na obra, entendemos que também se relaciona ao mau presságio e à lenda urbana do vilarejo. Comumente, ela está acompanhada de algum ser místico, algo característico da literatura fantástica, aqui, esse ser é o *Satanás* ou o *Diabo*.

Normalmente, os seres lúdicos que aparecem nas literaturas fantásticas são aqueles que fazem parte do folclore europeu ou norte-americano, isso ocorre pela influência de autores estrangeiros no gênero. Entretanto, neste ponto, Emília Freitas incorporou o regionalismo cearense, no qual o ocultismo está em contrapartida à fé cristã, no espiritismo, bem presente na trama e nos elementos

do folclore nacional. Por isso, Funesta está acompanhada do *Satanás* ou do *Diabo*, fazendo alusão a um símbolo cristão que remete ao maligno.

**Figura 2 – Mapa conceitual dos termos *Funesta*; *Satanás* e *Desgraças*.**



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

### 5.3 ANÁLISE DO MAPA CONCEITUAL 03

No núcleo de Passagem das Pedras, das personagens femininas, chamamos atenção para Virgínia, ela é uma jovem acometida pela tuberculose, sem nenhuma garantia financeira e que nunca casou. E é a partir da relação de amizade com Virgínia que a autora cria uma nova identidade para Funesta. Os termos coletados são *Diana* e *Filha do caçador de onças*.

O termo *Diana* representa a deusa romana da caça e da lua, ela também era considerada a deusa da castidade e tinha como companhia as ninfas. Já na mitologia grega, Diana era conhecida como Ártemis, filha de Zeus, deusa da natureza e protetora das mulheres. Na mitologia grega, Ártemis fez um voto de castidade e por isso nunca se casou, ela era comumente representada pelo arco e flecha. O termo *Filha do caçador de onças* também se relaciona com essas figuras mitológicas, uma vez que Diana e Ártemis são retratadas como caçadoras. Notamos que ambas as deusas estão conectadas com o propósito de Funesta, evidente em sua relação com Virgínia.

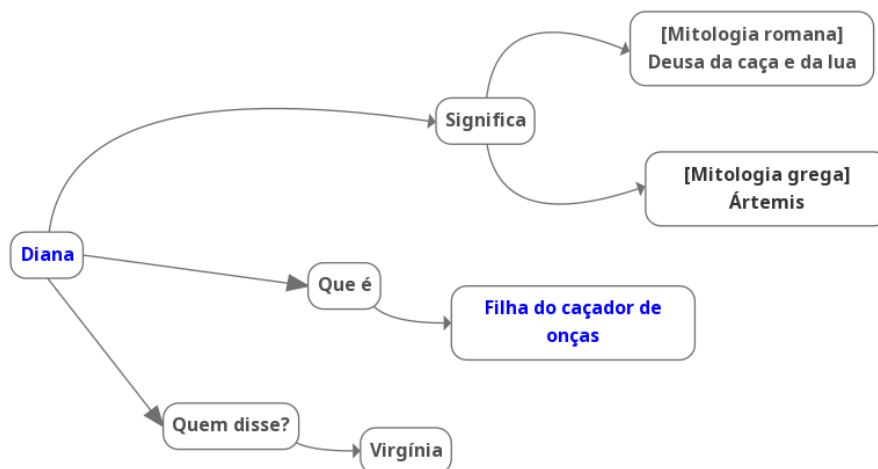
A personagem é marcada por uma profunda depressão remanescente da desilusão amorosa. Para além da tuberculose, Virgínia sofre com dores emocionais e psicológicas, incapaz de viver plenamente. Diana aparece como

uma representação da paz e da conformidade que a personagem precisava durante sua morte. Essa amizade é um reflexo do coletivismo feminino, pois num momento de fragilidade que Virgínia foi abandonada pelo seu ciclo de apoio familiar, quem surge para ajudá-la é Diana.

Com isso, percebemos a importância que a desilusão amorosa tem perante as personagens femininas da trama. A autora desenvolve a narrativa de Virgínia numa linha tênue em que os leitores questionam esse sentimento e sua potência destruidora. Por vezes, a dor física da personagem é inferior à dor emocional, essa é uma temática recorrente na obra. Emília Freitas discorre sobre a relação do amor romântico e as dores femininas, para ela, o processo de idealização está ligado a esse sentimento e, dentro das dinâmicas de poder que estão presentes nas relações afetivas entre homens e mulheres, é a idealização do amor romântico que permite certas violências acontecerem, sejam essas emocionais, físicas ou patrimoniais. Ademais, questiona a carga afetiva que as mulheres carregam em seus relacionamentos com homens, enquanto pais, maridos e irmãos são os provedores financeiros, cabe às mulheres a responsabilidade emocional dessas relações, o que também corrobora para o esgotamento mental.

O arco narrativo de Virgínia toca nessas problemáticas, ela também pode ser entendida como uma alusão ao fim da mocidade e da inocência, em uma sociedade patriarcal na qual não existe um ponto intermediário para a existência feminina. O que acontece com o fim da juventude? Para a autora, no contexto do livro e no núcleo do vilarejo, isso representa a morte, uma vez que Virgínia não pode se casar e nem gerar filhos, toda sua função social como mulher perde o sentido.

**Figura 3 – Mapa conceitual dos termos *Diana* e *Filha do caçador das onças*.**



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

#### 5.4 ANÁLISE DO MAPA CONCEITUAL 04

No núcleo narrativo do Reino do Ignoto as características do gênero fantástico são exploradas com mais afinco, ampliando as propriedades desse estilo de narrativa na trama. A partir disso, as personagens femininas desse núcleo e as habilidades que elas possuem passam a ser o enfoque. O termo coletado foi *Mulheres Fantásticas*.

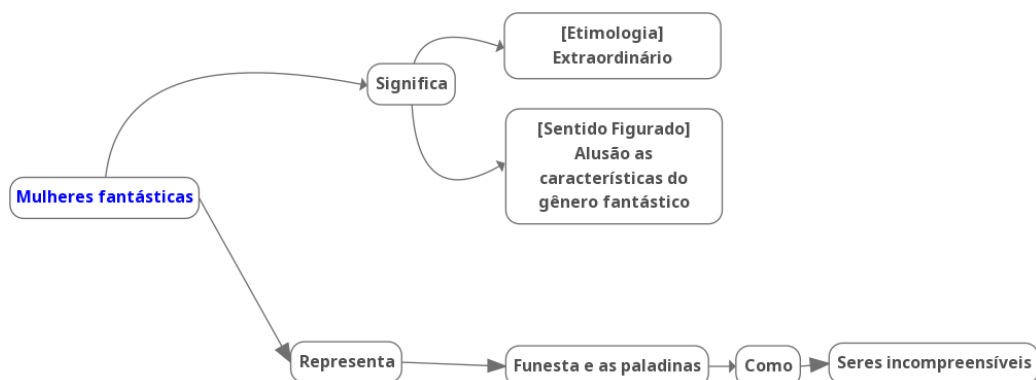
Esse termo faz alusão aos traços da literatura fantástica na obra, a autora usa suas personagens como forma de desenvolver essas particularidades. Dessa forma, por *Mulheres Fantásticas* analisamos que as jovens que acompanham a Rainha e ocupam cargos relevantes para a comunidade também podem usufruir dos poderes de transmutação e hipnose. Em certo nível, as paladinas são uma extensão do poder da Rainha, tanto por desfrutarem de suas habilidades evocando autoridade e opulência como no âmbito ideológico, pois suas seguidoras auxiliam na libertação de outras mulheres.

Nesse contexto, Emília Freitas reitera o impacto do coletivismo feminino para o Reino do Ignoto, as paladinas não são meras seguidoras submissas ao sistema de sociedade matriarcal vigente, aquelas que assumem cargos de liderança fazem isso por mérito próprio, são mulheres com formação acadêmica, consciência de classe e de gênero. Logo, decidem embarcar nas missões de

resgates juntamente com a Rainha, ajudando outras mulheres a atingirem suas potencialidades, mas para isso é preciso assegurar acolhimento emocional com as que sofreram abusos de seus parceiros, apoio financeiro para as que estão em situações de pobreza extrema, acesso à educação as relegadas à analfabetização, tratamento psiquiátrico àquelas que sofreram esgotamento mental devido à idealização romântica e ao desamor; e aceitação por parte da Rainha e das paladinas visto que algumas mulheres optam pelo matrimônio e pela maternidade, mesmo não sendo algo que as habitantes do Ignoto queiram para si.

Nessa perspectiva de sociedade criada por Emília Freitas, essas mulheres só conseguem atingir suas potencialidades no campo do imaginário, é nele que elas têm acesso a espaços que são comumente negados pelo patriarcado. Já no vilarejo de Passagem das Pedras que é uma alusão à sociedade da época, mulheres assumindo a capitania de navegações e velejando era algo incomum, isso também se aplica à proteção e acolhimento que as paladinas compartilhavam entre si. No vilarejo os habitantes colocavam as personagens femininas em competição pelo melhor dote ou laço matrimonial mais afortunado, a exemplo temos Carlotinha e Henriqueta que foram antagonizadas por conta de Edmundo. A admiração masculina e os esforços que essas personagens fazem para atender as demandas sociais e então estarem aptas para o casamento é algo que na dinâmica matriarcal do Reino do Ignoto não faz sentido.

**Figura 4 – Mapa conceitual do termo *Mulheres fantásticas*.**



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

## 5.5 ANÁLISE DO MAPA CONCEITUAL 05

Uma vez que o Reino do Ignoto, a Rainha, sua onipresença e as paladinas do Nevoeiro foram estabelecidas, compreendemos a visão que essas mulheres têm da sociedade matriarcal que vivem, da sua líder e do propósito que compartilham. A autora criou um ambiente feminino sem questionamentos machistas ou ideais patriarcais impossíveis de serem atingidos. Entretanto, essa realidade muda quando Edmundo se infiltra no Reino do Ignoto.

Como já estabelecido, Edmundo e Probo, o caçador de onças, possuem uma relação de amizade e é por meio dessa conexão que ele consegue chegar até o Reino escondido. Isso acontece quando Edmundo toma o lugar da acompanhante pessoal da Rainha, ele passa a se fantasiar para ter acesso à personagem e, por intermédio de Probo, ele consegue atravessar o Nevoeiro. Por sua vez, Probo é o subalterno da Rainha e de suas paladinas. Na obra, elas precisam de um homem que possa transitar pela sociedade fora do Ignoto, resolvendo problemáticas casuais. Devido ao vício em jogos de azar e uma dívida recorrente, Probo e sua esposa estavam em uma situação de vulnerabilidade financeira, a Rainha prometeu quitar sua dívida contanto que ele e sua esposa prestassem serviços para ela. Assim, Probo e Edmundo são os personagens masculinos na obra que tiveram acesso ao Reino do Ignoto, durante o período de três anos eles viajaram pelas capitais do Brasil e presenciaram os trabalhos da Rainha e das paladinas.

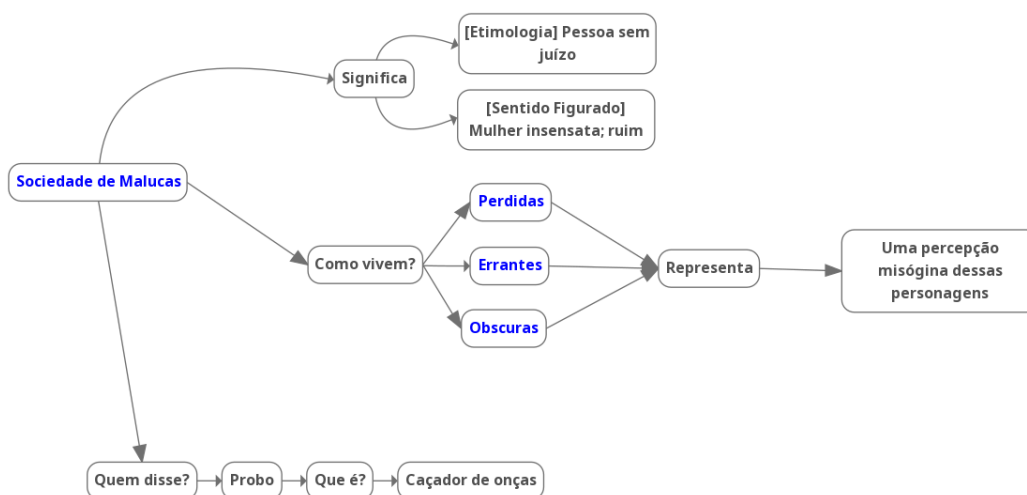
Dando continuidade às análises, os termos selecionados nesse mapa foram retirados desse período e marcam o encerramento da obra literária. Os termos coletados são *Sociedade de Malucas*; *Perdidas*; *Errantes* e *Obscuras*.

A parte final da obra é definida pelas missões da Rainha e das paladinas, elas passam pelas capitais Fortaleza, Recife, Belém e Manaus, providenciando assistencialismo, comida e sustento para os vulneráveis, consertando dinâmicas amorosas em crises, quitando dívidas e investindo suas posses materiais. Por essas razões Probo retrata as personagens como *Perdidas*; *Errantes* e *Obscuras*. Para ele essas mulheres deveriam exercer as funções matrimoniais e maternas, o esperado pelo patriarcado; todavia, elas se negavam a isso, pois

possuíam o poder de escolha. Nessa nova relação, Probo é quem está submisso a elas por conta de seus serviços, apontado por ele como algo errado. Além disso o incomodava a independência financeira e intelectual delas, já que o comum era o homem ser o provedor financeiro das relações. Ele acreditava que elas integravam uma *Sociedade de Malucas* que recrutavam mulheres inocentes e puras para corromper seus valores morais, Probo temia que o mesmo acontecesse com sua esposa.

Esse personagem foi criado pela autora para discorrer sobre a misoginia embutida no patriarcado, ele existe na trama para externalizar as problemáticas desse sistema social e como é nocivo para as mulheres. Probo não somente discorda da sociedade matriarcal, mas incita ódio e violência contra essas mulheres, ele quer o fim do Reino do Ignoto, o que retoma o apagamento do arquétipo da mulher selvagem. Esse paralelismo também acontece na sociedade moderna e foi presenciado por Emília Freitas quando suas obras foram esquecidas e relegadas.

**Figura 5 – Mapa conceitual dos termos *Sociedade de Malucas*; *Perdidas*; *Errantes e Obscuras*.**



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com relação à OC, é imprescindível se atentar para a contextualização das técnicas e instrumentos que abrangem o campo em que ações efetivas



sejam tomadas para que essas ferramentas estejam alinhadas com a demanda por representações consistentes. Além disso, o desenvolvimento de arcabouço teórico da área precisa continuar ampliando suas percepções, por intermédio dos avanços nos estudos de gênero, étnico-racial, socioeconômico e cultural. Dessa forma, discussões relevantes para as dinâmicas sociais podem ser implementadas no campo de estudo da OC. Logo, a concepção de instrumento de representação da informação e organização do conhecimento também necessitam de revisão, numa sociedade cronicamente online com ambientes informacionais em constante atualização, acometida pela ansiedade informacional e obsolescência, não é o suficiente que os instrumentos de representação se concentrem nos suportes tradicionais.

Entendemos que os instrumentos de representação estão ligados à memória, esse recurso permite o acesso às manifestações mnemônicas e corrobora com a categorização da informação, o que pode causar o esquecimento e apagamento. Por consequência, a organização social do conhecimento auxilia na hierarquização de grupos sociais, propagando identidades e representações que nem sempre são condizentes com a realidade. O dilema é que essas representações sociais idealizadas e deturpadas afetam a compreensão do real, isso contribui com o enraizamento de problemas sistemáticos como a misoginia, o racismo, o machismo, o sexismo, perpetuando violências simbólicas. Ao tratarmos e nomearmos erroneamente a informação estamos marginalizando esses grupos, criando uma dinâmica de poder e submissão.

Referente a essa temática, chamamos a atenção durante a pesquisa para as representações idealizadas de mulheres na literatura, transpassadas pelo male gaze (Mulvey, 2017), as tentativas de autoras femininas em subverter essa realidade e o apagamento na memória literária que elas sofreram, o que reitera a importância de representações femininas eticamente aceitáveis e da criação dessas representações por mulheres, assim, a representatividade feminina pode ocorrer de forma assertiva.

A autora cearense Emília Freitas é um expoente na luta pela representatividade feminina em espaços majoritariamente masculinos. Outro

ponto a ser ressaltado é que foi o coletivismo feminino que permitiu que a obra e a autora saíssem do ostracismo, pois as investigações de Cavalcante (2008) e os trabalhos de arqueologia literária de Duarte (2009) reaproximaram Emília Freitas e seus leitores em potencial por meio da pesquisa científica e da publicação de novas edições da Rainha do Ignoto, parte do movimento de redescobrimto da literatura feminina esquecida. De forma simbólica, as ações das paladinas no mundo fantástico do Ignoto foram permeadas na realidade, sem essa mobilização Emília e sua obra permaneceriam ocultas.

Portanto, entendemos que o objetivo deste estudo foi atingido, pois a representação temática da personagem se relaciona profundamente com a representação feminina na sociedade, baseamos essa conclusão nas análises dos mapas conceituais e no embasamento teórico provindo do estudo das autoras Olson (2002), Cavalcante (2008), Duarte (2009), Milani (2010), Schmidt (2012). Elas evidenciam que vivemos numa sociedade puramente patriarcal na qual mulheres são socializadas em uma dinâmica de opressão, essa realidade é retratada em A Rainha do Ignoto, por isso notamos que as potencialidades da Funesta não são representações apenas das vivências de Emília Freitas, mas estão entrelaçadas com as experiências femininas em geral.

Entendemos, a partir dos mapas conceituais, que a obra, a autora e os termos estão interligados. Emília Freitas opta por usar essas palavras e utiliza das oposições binárias para ressaltar a realidade feminina que continua sendo perpetuada atualmente. Nos mapas conceituais, verificamos que ao usar termos opostos e incompatíveis para retratar mulheres, a autora evidencia que a complexidade natural envolta da condição humana nos homens é algo positivo, no aspecto literário, abrange o arco do herói, suas dores e lutas são validadas, mas ao tratarmos das mulheres, essa não é a realidade. Quanto mais complexo o personagem masculino é descrito, maior é a capacidade de compreensão, Emília Freitas usa Edmundo como suporte narrativo para exemplificar essa realidade, ele é prepotente, classista, elitista e se autoafirma como superior aos demais moradores do vilarejo, entretanto, não é percebido como vilão. Todavia, Funesta precisa apenas renegar o matrimônio e a maternidade para ser colocada

nessa posição, além disso, os movimentos narrativos usados pela autora para estabelecer pluralidade à personagem é recebido com estranheza.

Compreendemos também que a memória literária brasileira carece de uma reparação histórica, pois alavancar obras de autoria masculina ao patamar de cânones em disparidade com as obras de autoria feminina cria uma realidade deturpada na qual mulheres não tiveram um papel relevante para a historiografia literária, algo que é desmistificado durante esta pesquisa. Ressaltamos a importância da representação real do feminino em que mulheres complexas não sejam lidas como difíceis, que mulheres conectadas com a sua natureza selvagem, como nos contos folclóricos, não sejam compreendidas como nocivas e que a liberdade desejada por Emília Freitas, perpetuada por meio de Funesta, possa ser atingida no mundo real e não apenas na fantasia.

Atingimos, então, o objetivo deste estudo que é investigar as relações simbólicas que perpassam a personagem, contextualizando com as dinâmicas sociais, por meio dos mapas conceituais.

## REFERÊNCIAS

BARITÉ, Marius. Literary warrant. **Knowledge Organization**, Frankfurt, v. 45, n. 6, p. 517-36, 2018.

CAVALCANTE, Alcilene. **Uma escritora na periferia do Império**: vida e obra de Emília Freitas. Florianópolis: Editora Mulheres, 2008.

CINTRA, Anna Maria Marques; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira; LARA, Marilda Lopes Ginez de; KOBASHI, Nair Yumiko. **Para entender as linguagens documentárias**. São Paulo: Editora Polis, 1994.

DAHLBERG, Ingetraut. Knowledge organization: a new science? **Knowledge Organization**, Frankfurt, v. 33, n. 1, p. 11-19, 2006.

DUARTE, Constância Lima. Arquivos de mulheres e mulheres anarquivadas: histórias de uma história mal contada. **Revista Gênero**, Niterói, v. 9, n. 2, p. 11-17, jan./jul. 2009.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

FREITAS, Emília. **A Rainha do Ignoto**. 2. ed. São Caetano do Sul: Wish, 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2017.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Realismo na literatura brasileira. **Artefilosofia**, Ouro Preto, v. 1, n. 25, p. 4-11, dez. 2018.

LANCASTER, Frederick Wilfrid. **Indexação e resumos**: teoria e prática. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2004.

MARTINS, Gracy Kelli; CÔRTEZ, Gisele Rocha. A Representação da Informação e do Conhecimento e as Representações Sociais: intersecções e limites. In: ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de; MARTINS, Gracy Kelli; MOTA, Denysson Axel Ribeiro (org.). **Organização e Representação da Informação e do Conhecimento**: intersecções teórico-sociais. João Pessoa: Editora UFPB, 2019. p. 159-182.

MILANI, Suellen Oliveira. **Estudos éticos em representação do conhecimento**: uma análise da questão feminina em linguagens documentais brasileiras. 2010. 140 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2010.

MILANI, Suellen Oliveira; GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Problemas éticos em representação do conhecimento: uma abordagem teórica. **Datagramazero - Revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 1-18, fev. 2011.

MULVEY, Laura. Prazer visual e cinema narrativo. In: BRANDÃO, Izabel; CAVALCANTE, Ildney; COSTA, Cláudia de Lima; LIMA, Ana Cecília Acioli (org.). **Traduções da cultura**: perspectivas críticas feministas (1970-2010). Florianópolis: Editora da UFSC, 2017. p. 161-180.

OLIVEIRA, Aline Sobreira de. A Rainha do Ignoto, de Emília Freitas: do fantástico à utopia. **Em Tese**, Belo Horizonte, v. 20, n. 3, p. 140-153, dez. 2014.

OLSON, Hope A. **The Power to Name**: locating the limits of subject representation in libraries. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2002.

QUINHONES, Elenara Walter. A Rainha do Ignoto (1899), de Emília Freitas, uma obra utópica. **Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, v. 1, n. 14, p. 69-81, 20 jun. 2015.

RANGANATHAN, Shiyali Ramamrita. **Prolegomena to library classification**. Bombay: Asia Publ. House, 1967.

RODRIGUES, Maria Rosemary; CERVANTES, Brígida Maria Nogueira. Organização e representação do conhecimento por meio de mapas conceituais. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 41, n. 1, p.154-169, jan./abr. 2014. DOI: <https://doi.org/10.18225/ci.inf.v43i1.1425>

SCHMIDT, Rita Terezinha. Cânone, valor e a história da literatura: pensando a autoria feminina como sítio de resistência e intervenção. **El Hilo de La Fábula**, Santa Fé, v. 1, n. 1, p. 58-71, jan. 2012.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. Realismo afetivo: evocar realismo além da representação. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, v. 1, n. 39, p. 129-148, jan./jun. 2012.

SILVA, Alexander Meireles da. Prefácio. O fantástico Ignoto de uma Rainha (prefácio). In: FREITAS, Emília. **A Rainha do Ignoto**: romance psicológico. São Caetano do Sul: Editora Wish, 2020.

SOUSA, Brisa Pozzi de; TOLENTINO, Vinícius de Souza. Aspectos machistas na organização do conhecimento: a representação da mulher em instrumentos documentários. **Informação & Informação**, Londrina, v. 22, n. 2, p. 166-207, maio/ago. 2017. DOI: <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2017v22n2p166>

TABAK, Fani Miranda. Fronteiras na História Literária: fantástico e utopia em A Rainha do Ignoto. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 104-111, jan./mar. 2011.

TODOROV, Tzvetan. **Los abusos de La memoria**. Barcelona: Paidós, 2000.

## MATRIARCH OF THE UNKNOWN: THEMATIC REPRESENTATION OF THE CHARACTER FUNESTA

### ABSTRACT

**Objective:** In this sense, it aims to investigate Funesta's symbolic relationships, her conceptual terminology, the feminine and her relationship with the representation of women in society. **Methodology:** This is exploratory and documentary research, with the application of Lancaster's (2004) conceptual analysis and the path of Rodrigues and Cervantes (2014) for the creation of conceptual maps, where the terms are structured and contextualized. **Results:** The analysis elucidate the value and cultural heritage contained in the character's terminology and the social representation of women, touching on issues of gender and information ethics underlying the terms and the field of Knowledge Organization (KO). **Conclusions:** We understand that the thematic representation of the character is deeply related to female representation in society, we highlight the intersectional content of KO, the imminent search for contextualised representations and that literary historiography highlights female participation in national literary memory.

**Descriptors:** Gender Studies. Funesta. Thematic Representation of Information. Conceptual Maps.

## MATRIARCA DE LO DESCONOCIDO: REPRESENTACIÓN TEMÁTICA DEL PERSONAJE

## FUNESTA

### RESUMEN

**Objetivo:** En este sentido, se pretende investigar las relaciones simbólicas de Funesta, su terminología conceptual, lo femenino y su relación con la representación de la mujer en la sociedad. **Metodología:** Se trata de una investigación exploratoria y documental, con la aplicación del análisis conceptual de Lancaster (2004) y el camino de Rodrigues y Cervantes (2014) para la creación de mapas conceptuales, donde los términos son estructurados y contextualizados. **Resultados:** Los análisis dilucidan el valor y el patrimonio cultural contenidos en la terminología del personaje y la representación social de la mujer, abordando cuestiones de género y ética de la información subyacentes a los términos y al campo de la Organización del Conocimiento (OC). **Conclusiones:** Entendemos que la representación temática del personaje está profundamente relacionada con la representación femenina en la sociedad, destacamos el contenido interseccional de la OC, la inminente búsqueda de representaciones contextualizadas y que la historiografía literaria destaca la participación femenina en la memoria literaria nacional.

**Descriptores:** Estudios de Género. Funesta. Representación Temática de Información. Mapas Conceptuales.

**Recebido em:** 16.10.2024

**Aceito em:** 07.07.2025